

ARA DEDICADA A JÚPITER DE SANTA LEOCÁDIA DE BAIÃO

NO MUSEU DO SEMINÁRIO MAIOR DO PORTO

A ara com a inscrição dedicada a Júpiter que constitui o objecto desta nota encontra-se presentemente no *Museu de Arqueologia e Arte* do Seminário Maior do Porto. É proveniente da freguesia de Santa Leocádia, no concelho de Baião, e foi encontrada perto da Igreja parochial desta freguesia, pouco antes de dar entrada no referido Museu (1).

Os desgastes de pedra que apresenta, com algumas zonas fortemente polidas, falam-nos dos baldões e inclemências a que esteve sujeita no decorrer dos séculos. Felizmente a zona epigrafada quase nada sofreu.

Esta lápide testemunha a romanização da localidade e o culto que aí se prestou a Júpiter. Mas não é único testemunho desses tempos recuados existente na localidade. Há mais.

Em Março de 1899, Ricardo Severo explorou a necrópole luso-romana do Bairral, situada perto da Igreja na confluência da estrada que sobe da estação da Pala com a que segue do Marco para Esmoriz, em direcção à Régua.

O espólio dessas escavações — objectos de cerâmica comum e *sigillata*, de vidro e de ferro — foi recolhido no Museu de Antropologia da Universidade do Porto. Não se encontraram então quaisquer inscrições, a não ser duas letras esgrafiadas (Γ E) no colo de um vaso de cerâmica (2).

(1) Foi oferecida ao autor deste artigo para o Museu, em Agosto de 1958, pelo Pároco da freguesia, Rev. P.^e Acácio Ribeiro de Freitas. O Museu de Arqueologia e Arte do Seminário tinha sido inaugurado solenemente em Março anterior.

(2) Cf. *Portugalia*, tomo II, págs. 417 a 426 e 429 a 431. Ricardo Severo relata com pormenor as escavações feitas e enumera e descreve os objectos encontrados que atribui a época tardia (séc. IV?).

Os dois monumentos epigrafados da localidade, conhecidos até o presente, foram descobertos muito depois daquela data, pouco antes de Agosto de 1958: a ara dedicada a Júpiter, que a seguir descrevemos, e uma estela funerária a lembrar a memória de *Súnua*, filha de Avito, que três filhos levantaram religiosamente a sua mãe: esta e aquela, presentemente, no Museu do Seminário (1).

A LÁPIDE

É em granito a ara dedicada a Júpiter. A parte superior, a base inferior e a zona média do ângulo anterior da esquerda estão bastante desgastadas e polidas pela acção de agentes estranhos.

Não se notam vestígios do *foculus* nem de volutas que provavelmente teriam existido e desapareceram com o desgaste superior da pedra. Distinguem-se perfeitamente a base, o fuste e o capitel.

Mede 0,69 metros, por 0,313m. de largura e 0,307 m. de espessura (medidas máximas). O capitel com a moldura que a fotografia mostra tem 0,172m. de alto e de largura e espessura as medidas atrás apontadas. O fuste mede 0,373m. de altura e 0,268m. e 0,265m. de largura e espessura, respectivamente, e a base 0,145m. de alto, por 0,28m. de largura e espessura.

A INSCRIÇÃO

Está gravada numa das faces do fuste, ocupando praticamente toda a superfície.

Paleograficamente as letras são de mau desenho (2).

O I I por E da quarta linha é frequente nos títulos epigráficos.

Os elementos finais da inscrição *ex voto libenter* repetem-se nas inscrições votivas.

(1) A estela funerária, em granito, servia de padieira num vão da parede da residência paroquial. Entrou no Museu do Seminário a 18 de Agosto de 1958. O seu estudo fez parte de uma comunicação apresentada pelo autor deste artigo ao *I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, Dezembro de 1958) e será brevemente publicado nas Actas do Congresso. A inscrição é como segue: *Sunuae/ Aviti f(iliae) | Severus et | Flavus et | Avitus | Matri pi|entissumae | posuerunt ||*.

(2) Vide a fotografia em extratexto.

A sua leitura não oferece dúvidas, se exceptuarmos a terceira letra da terceira linha. Parece um P e a fotografia, que reproduzimos, feita com luz rasante, sugere esta letra. O exame directo coloca-nos, porém, em certa hesitação de escolha entre P e F.

É, pois, a inscrição:

I O V I
O M
F L P R (ou F L F R)
I I X V O
T O L I B

Como interpretar a terceira linha?

O primeiro grupo F L é a abreviatura de *Flavius*. Relativamente ao segundo, se lermos P R, teremos a abreviatura de *Primus* ou *Proculus*, pois dos antropónimos que começam pelas duas referidas letras, são estes os mais frequentes. Se copiarmos F R, teremos a abreviatura de *Fronto* (1), ou de outro antropónimo que comece pelas duas letras ex. gr. *Fraternus*, etc.

A epígrafe deve completar-se com *posuit*, ou outra expressão de sentido idêntico, como *ponendum curavit*, *faciendum curavit*, etc..

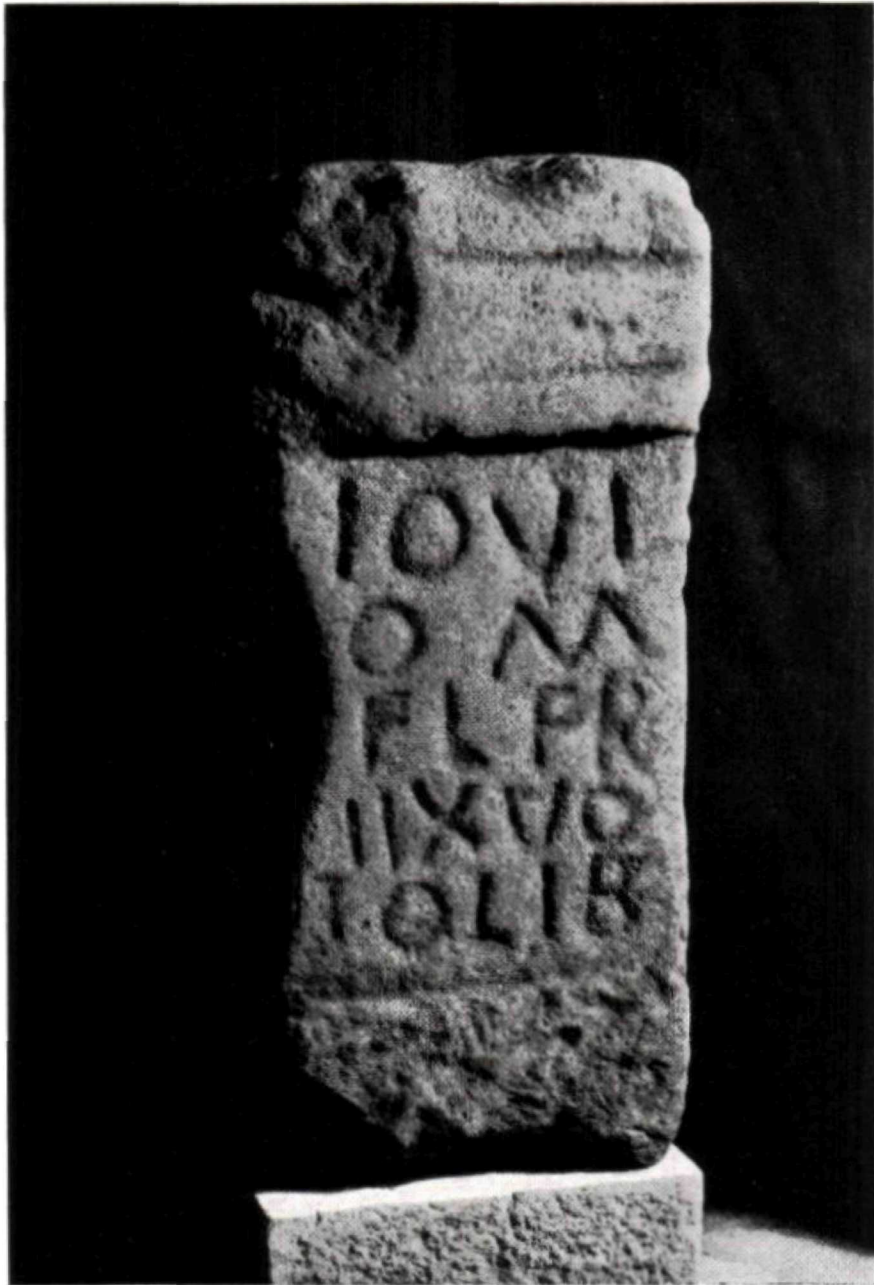
De harmonia com o que ficou dito, desdobrando as siglas e abreviaturas, propomos a seguinte

Leitura: IOVI / O(*ptimo*) M(*aximo*) / FL(*avius*)
PR(*imus* ou *oculus*) [ou FL(*avius*) FR(*onto*)?] /
EX VO / TO LIB(*enter*) [p(*osuit*)] //.

Tradução: Flávio Primo (ou *Próculo*) (ou *Flávio Frontão*?)
levantou este monumento, de boa vontade, a Júpiter,
ótimo, máximo, em cumprimento de um voto (2).

(1) *Flavius Fronto* aparece noutras inscrições da Península.

(2) Além da possibilidade da segunda abreviatura da terceira linha indicar a filiação, e então teríamos um genitivo — *Primi filius*... — ,quereríamos ventilar uma outra hipótese: a de corresponderem as duas abreviaturas da mesma linha a dois *dedicantes* distintos: *Flávio* e *Primo* (ou *Próculo* ou *Frontão*...). Neste caso haveria a omissão da copulativa *et*, fenómeno frequente em epigrafia, e a expressão verbal subentender-se-ia no plural: *posuerunt*, *faciendum curaverunt*, etc.



Ara dedicada a Júpiter, de Santa Leocádia de Baião.
(No Museu do Seminário Maior do Porto).

Temos, pois, na presente inscrição, mais um documento do culto a Júpiter, a juntar-se a muitíssimos outros que se encontram em território português dedicados a esta divindade. Os epítetos *ótimo* e *máximo* são os que mais frequentemente lhe são atribuídos e mais se repetem nas inscrições em sua honra.

D. DE PINHO BRANDÃO
Professor do Seminário Maior do Porto